

PROSA & VERSO

A face oculta dos escritores

Jornalista revela o lado sombrio de 15 personagens, de Clarice Lispector a Raduan Nassar

Inventário das sombras, de José Castello.
Editora Record, 308 páginas. R\$ 28

Elisabeth Orsini

N o castelo úmido e sombrio em Menil au Grain, cidade francesa no coração da Normandia, onde vive recluso em meio a uma floresta de pinheiros e ao uivo dos lobos, o escritor Alain Robbe-Grillet amarga o cotidiano das pessoas que não têm mais o que dizer. E foi neste castelo, que tem as portas cerradas e as cortinas abaixadas como se estivesse desabilitado, que o jornalista José Castello teve seu primeiro contato com o grande chefe do "Novo Romance" francês. O encontro, retratado num texto fascinante em "Inventário das sombras", revela o triste cotidiano de um autor que não escreve mais uma linha.

Alain Robbe-Grillet é um dos 15 personagens analisados no livro de Castello ao lado de nomes como Clarice Lispector, Hilda Hilst, Manoel de Barros, Nelson Rodrigues, Raduan Nassar, Ana Cristina César ou Bispo do Rosário. Irascíveis. Loucos. Ou simplesmente insuportáveis. O olhar de Castello sobre cada personagem oscila entre uma delicada lucidez e um suave lirismo e torna impossível interromper a leitura. É como se o livro hipnotizasse o leitor.

Autor diz que não tem a intenção de esgotar a história dos personagens

Repórter literário experiente, Castello decidiu colocar no papel uma série de lembranças. E assim nasceu esse "Inventário" de retratos breves, livres, que, segundo o autor, não têm nenhuma obrigação de "contar a vida" ou "esgotar" a história desses escritores. A intenção do livro é traçar breves retratos limitando-se às perspectivas que interessavam ao autor em cada um deles. Retratos que, segundo ele, revelam as partes mais "sombrias", desprezadas ou mais cercadas de mal-entendidos desses personagens. A escolha dos nomes obedeceu a vários critérios.

— Primeiro escolhi alguns escritores a quem entrevistei longamente uma ou mais vezes, como Saramago, Clarice, Bloy Casares, Nelson Rodrigues, Hilda Hilst, Manoel de Barros — explica Castello. — A eles juntei outros com quem tive uma relação pessoal, como João Antônio, Caio Fernando Abreu e Ana Cristina César.

Castello escolheu, ainda, nomes que sempre o impressionaram, como Dalton Trevisan, Raduan Nassar e até um artista que nunca foi escritor, Artur Bispo do Rosário, cujo retrato encerra o livro.

No prólogo esclarece quem escreveu esse livro não foi nem um crítico, nem um repórter, nem um jornalista literário, mas sobretudo um leitor.

O resultado é um trabalho que mistura jornalismo, crítica literária, biografia e toques de ficção, já que Castello reproduz, livremente, episódios que viveu.

— Ele é um pouco um balanço de minha experiência como repórter e resenhista. E também um balanço de minhas afinidades literárias. É um livro bastante pessoal.

Em comum, os personagens escolhidos pelo autor têm apenas a perspectiva que Castello escolheu para retratá-los: a das zonas sombrias, a dos aspectos que eles mesmos se esforçaram em esconder, ou que a crítica sempre preferiu debater em terceiro plano.

Todos sabem que Saramago é comunista, por exemplo, aspecto que é quase sempre esquecido quando se fala dele — lembra Castello. — Para Saramago chegar a ser Saramago, foi preciso haver ainda um longo período sombrio de mais de 20 anos durante o qual ele praticamente não escreveu e nem mesmo se considerava mais um escritor.

Hilda Hilst, a vítima de uma maldição

No caso de Clarice Lispector, o autor lembra que o que a moveu a escrever era o desejo de ir além da literatura. Encontrar, como ela mesma disse, "o que há detrás de detrás do pensamento".

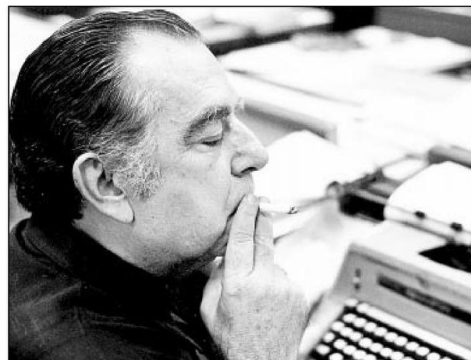
— Já Hilda Hilst sentiu-se vítima de uma maldição, que ela chama de "Maldição de Polliana" — continua Castello. — Caio Fernando Abreu sempre se achou um homem sombrio (até a AIDS aparecer e ele se tornar um autor lumi-



Fotos de divulgação

CLARICE LISPECTOR

"SENTAMOS. TENTO ME recuperar do golpe voltando (...) às minhas perguntas. Tiro, então, da pasta um (...) gravador (...) e, distraído, coloco-o sobre a mesa (...). Assim que vê o gravador, Clarice começa a gritar. (...) Emite vagidos longos, lamentos despidos de sentido, e só posso entender, entre eles, uma palavra: 'Não'. Meus olhos percorrem a sala em busca da ameaça que ela deseja afastar. Não a encontro".

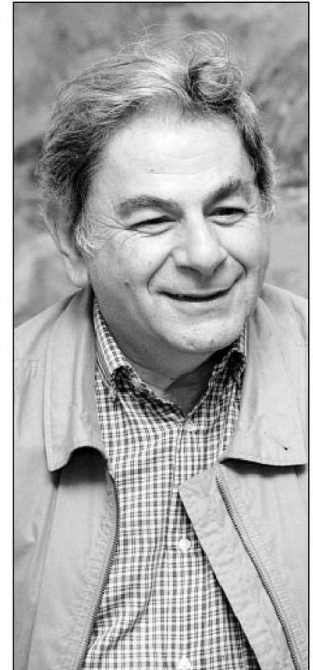


RADUAN NASSAR

"MAS POR QUE TERÁ Raduan, ao tomar a decisão de abandonar a literatura, conservado para si a imagem de escritor? Por que terá resolvido ser um homem com duas sombras — uma do escritor consagrado, outra do sujeito que desistiu de ser escritor? Raduan não é um Rimbaud, que, ao resolver que a escrita não o interessava mais, virou a página e foi viver como mercenário na África".

NELSON RODRIGUES

"ENGANEI-ME. A SEGUNDA parte de meu encontro com Nelson Rodrigues, a mais inesperada delas, e que reputo a mais importante, ainda estava por começar — e ia muito além dos domínios do jornalismo. Eu sempre soube que, muitas vezes, as melhores reportagens começam depois de serem publicadas, situação em que o repórter parece condenado à inoperância e ao silêncio. Refiro-me àqueles acontecimentos que ocorrem só depois — só depois que os fatos já se fixaram em letras".



ele as mais marcantes de sua vida.

— Depois de ser meu entrevistado, Nelson Rodrigues estabeleceu uma estranha relação telefônica comigo que, na época, me deixou bastante transtornado — lembra o autor.

O que não aconteceu com Clarice Lispector: Castello a conheceu já mais velha, um pouco doente. Tiveram breves contatos que, para o autor, estão entre os momentos mais misteriosos que já viveu. Ele tornou-se amigo de Hilda Hilst, mas nunca deixou de se sentir "um pouco perplexo" diante dela. E conheceu Caio Fernando Abreu de verdade quando ele já estava doente, descobrindo

"um sujeito apaixonado pela vida".

Mas seria a verdadeira literatura concebida nessas zonas sombrias?

— Toda literatura se origina de regiões nebulosas, dominadas pelo paradoxo, pelo acaso, pela contradição, pela indefinição — diz Castello. — Para escrever é preciso, sim, ter disciplina, empenhar-se, lutar com a palavra. Mas esse esforço só adianta se o sujeito se entrega a esses impulsos originais e trabalha a partir deles. Só se escreve bem com liberdade, mas liberdade não é apenas fazer o que se quer, liberdade é sobretudo ser o que se é. E é isso que todo escritor deve descobrir. ■

Monique Cabral/1-B-95

ALAIN ROBBE-GRILLET

"O SALÃO É DECORADO COM requinte: da lareira emana um calor reconfortante, há tapetes macios pelo chão com desenhos que não posso decifrar, e peças gregas (provavelmente falsas) colocadas em mesas de canto; (...) candelabros com pés em cristal, brâsões nas paredes, um cesto cheio de bengalas completam o cenário. A um canto, há um estranho pássaro de ferro aprisionado em uma gaiola dourada, imagem que me provoca discreta inquietação; atrás dele, leões de bronze, com seus focinhos roídos pelo frio e seus olhos perfurados, nos vigiam. Custa a acreditar que estou onde estou. Robbe-Grillet mais se parece, hoje, com um fantasma (...), e aquele castelo, gelado e imóvel, só pode ser um museu do Novo Romance — isso se eu (...) não tiver sido carregado para dentro de um dos livros que o conde escreveu. Ali imitando os romances do escritor, os objetos reinam (...) enquanto nós dois (...) apenas os incomodamos um pouco; nada podemos fazer, com nosso humor e nossas palavras, que abale esse mundo perfeito de coisas imóveis".

Ana Branca/2-7-97

PARQUE GRÁFICO

